

A compreensão leitora em Dom Casmurro: uma análise polifônica pela semântica argumentativa

Giovana Reis Lunardi*
Ernani Cesar de Freitas**

Resumo

Este trabalho baseia-se nos estudos de Oswald Ducrot (1983, 1987, 1988, 2005, 2008) e Marion Carel (2005, 2009), responsáveis por desenvolver a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS) como sucedânea à Teoria da Argumentação na Língua (ADL). O objetivo é analisar a obra machadiana "Dom Casmurro", sob a perspectiva linguístico-discursiva, para propor uma compreensão leitora de cunho estruturalista, que postula ser o sentido argumentativo. Esta pesquisa caracteriza-se como descritiva e bibliográfica, mediante abordagem qualitativa para desenvolver a análise. O *corpus* consiste em três trechos da obra "Dom Casmurro", de Machado de Assis, os quais mencionam os *olhos* da personagem Capitu e de seu filho. A análise realizada mostra que a menção aos olhos, principalmente da personagem, conduz a uma obra polifônica, da qual são possíveis depreender e descrever vários sentidos (pontos de vista) por meio dos encadeamentos argumentativos (segmentos unidos por conectores *donc* ou *pourtant*). De cada trecho foram identificados os encadeamentos argumentativos e as possibilidades de serem "postos" pelo locutor como pontos de vista de enunciadores. A partir do movimento argumentativo construído pela palavra plena "olhos", depreende-se que a personagem Capitu traía Bentinho, no entanto, também é possível argumentar em prol da fidelidade, conforme o encadeamento argumentativo assumido mediante a compreensão leitora. Os três trechos analisados são significativos na condução do sentido global do romance, ao que se poderá por fim afirmar que a obra é polifônica e

* Mestre em Letras/Área de Concentração em Estudos Linguísticos pela Universidade de Passo Fundo; Especialista em Produção e Revisão de Textos pela Unochapecó e graduada em Letras Português/Espanhol pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (Xanxerê/SC); professora de Língua Portuguesa e Produção de Textos do Colégio Expressivo; gio-reislunardi@hotmail.com

** Pós-doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; professor titular do Mestrado em Letras – Universidade de Passo Fundo (UPF/RS); professor colaborador do Mestrado em Processos e Manifestações Culturais – Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS); ecesar@upf.br

aceita ser interpretada/compreendida mediante diferentes aspectos dos blocos semânticos, conforme os conceitos sustentados pela ADL/TBS. Palavras-chave: Teoria dos Blocos Semânticos. Sentido argumentativo. Compreensão leitora. Dom Casmurro.

1 INTRODUÇÃO

A investigação realizada neste artigo é oriunda de estudos desenvolvidos na área da Linguística Aplicada, mais especificadamente da Semântica Argumentativa em interface com a Literatura, por meio de uma das obras ícones do escritor Machado de Assis, *Dom Casmurro* (1889). Propomos que a compreensão leitora da obra machadiana se faça por intermédio da descrição semântico-discursiva do texto. Para tanto, aplicaremos a Teoria da Argumentação na Língua, em sua fase denominada Teoria dos Blocos Semânticos, na análise de três enunciados (*corpus* de pesquisa) extraídos do romance que, conforme hipótese estabelecida neste estudo, os olhos conduzem ao sentido global do discurso da obra.

Temos por marco teórico os estudos de Oswald Ducrot (1983, 1987, 1988, 2005, 2008) e Marion Carel (1992, 2005, 2008), dos quais selecionamos alguns conceitos para constituirmos as categorias analíticas. São eles: *argumentação*, *encadeamento argumentativo*, *aspecto*, *bloco semântico*, *argumentação externa e interna*, *quadrado argumentativo* e *polifonia*. Os estudos da ADL¹ passaram por várias fases, após apresentá-las no referencial teórico dessa pesquisa, trataremos à baila alguns comentários sobre a obra *Dom Casmurro* e seu autor; posteriormente demonstraremos nossa "máquina de simulação", ou seja, a definição dos procedimentos metodológicos utilizados nas análises e as considerações finais.

Nossa hipótese de pesquisa defende que o sentido argumentativo da entidade lexical *olhos* presente em três trechos da obra *Dom Casmurro* constrói o sentido global da obra, que para nós é polifônico. Definimos a obra como sendo polifônica à luz da ADL/TBS porque é possível que a compreensão leitora faça com que possa ser assumido tanto o ponto de vista de que Capitu traiu ou que Capitu não traiu. Essa possibilidade polifônica será demonstrada por meio dos encadeamentos argumentativos oriundos da Argumentação Interna dos enunciados com a palavra plena *olhos*, que constituem os quadrados argumentativos (CAREL; DUCROT, 2005).

Nossa pesquisa partiu da seguinte hipótese *as palavras "olhos", "olhar", conduzem a argumentação nos trechos selecionados*. O olhar pode conduzir a evidências de traição e também pode negá-las. Parece-nos que

a chave, o segredo do mistério presente na obra está nos olhos da personagem, que são, como se sabe, muito citados, de modo que a condução do sentido dos trechos é dada pelo olhar/olhos. A argumentação está na língua e, aqui, ousamos parafrasear a máxima da ADL/TBS dizendo que na obra Dom Casmurro *a argumentação está nos olhos*.

Essa proposta de análise vem a ser profícua para o ensino da língua materna e para o desenvolvimento de outras possibilidades de leitura analítica das obras literárias a partir da aplicação da Semântica Argumentativa. Havendo necessidade de novas mediações de leitura na universidade, é que se justifica tal interface dos estudos linguísticos com a literatura.

O subtítulo a seguir apresenta os principais conceitos da ADL/TBS e suas fases.

2 A SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA E SEUS PRINCIPAIS POSTULADOS

A ADL² tem como principal postulado que “a argumentação está na língua” (DUCROT, 1988, p. 18); essa teoria desenvolveu-se em fases: a forma *Standard* (1983); a forma *Standard Ampliada* (1988); a *Teoria dos Topoi e a Teoria Polifônica da Enunciação* (1987, 1988) e a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS),³ de modo que, nesse primeiro subtítulo, faremos uma sucinta apresentação delas. Este artigo utiliza-se de conceitos da Teoria da Polifonia (1987, 1988) e da TBS (2005, 2008). Ao afirmar que a argumentação é linguística, essas teorias, a ADL/TBS, refutam a tese de que argumentar, para a retórica, é persuadir a partir do estabelecimento da verdade de uma determinada proposição, sendo a conclusão justificada pelo argumento.

Os franceses Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombre (1983) partiram de estudos acerca da *pressuposição*, em busca do sentido argumentativo presente na língua, a fase *Standard* limitava-se a identificar argumentações normativas, ou, pode-se dizer, resultativas. Pertencente à semântica, mais especificamente à Semântica Argumentativa, é uma teoria não referencialista e focada na descrição da língua a partir da própria língua, sem menção ao contexto. Tem filiação estruturalista, cujos alicerces se baseiam em Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste, uma vez que as relações sintagmáticas e paradigmáticas lhe são caras, além da menção à enunciação.

A dicotomia língua/fala em Saussure é indissociável para Ducrot, este foi aluno de Benveniste, que também tem filiação saussureana; Ducrot ainda defende que não pode haver separação entre semântica e pragmática, assim, a descrição da enunciação é fundamental para a compressão do

sentido do enunciado. A segunda fase, denominada *Standard Ampliada*, é apresentada nas célebres Conferências de Cali, na Colômbia. Mantendo a intenção de a teoria opor-se à concepção tradicional de sentido para a qual a denotação corresponde aos aspectos objetivos da linguagem e a conotação aos subjetivos e intersubjetivos, Ducrot (1988, p. 52) propõe desfazer a separação entre conotação e denotação, ou seja, acabar com o objetivo/subjetivo e intersubjetivo do enunciado. Tal definição tradicional apresenta esses três aspectos como sendo, *objetivos* (indicam a representação da realidade), *subjetivos* (referem-se às atitudes do locutor diante dessa realidade) e *intersubjetivos* (relação do locutor com os interlocutores).⁴ Ducrot extingue essa separação entre o denotativo e o conotativo na linguagem, o aspecto *objetivo* é descartado pelo teórico, justamente porque ele se faria por meio de um chamado do locutor ao interlocutor, que não é fixo, e uma das intenções da ADL é revogar o valor descritivo/informativo da linguagem, do qual o aspecto objetivo é representante. Ducrot chama *intersubjetividade*, uma espécie de chamado ao interlocutor, uma vez que, adotando a perspectiva enunciativa da linguagem, não há a possibilidade de haver *eu* sem *tu*. Um ponto de vista é tomado como argumentativo – nessa fase da teoria – se cumprir duas condições, a primeira é se esse ponto de vista leva a uma conclusão e, a segunda é que esse ponto de vista tenha convocado um *princípio argumentativo*, um *topos*,⁵ para chegar a essa conclusão. O *topos* tem origem no conceito aristotélico de *lugar argumentativo*; ele serviria para legitimar uma dada argumentação; o enunciado abaixo é possível identificar como *topos* (T) a fórmula “quanto mais se trabalha, mais se obtêm êxito.”

(1) Pedro tem trabalhado, portanto vai obter êxito.

Esse conceito permaneceu cerca de doze anos na teoria, tendo sido questionado por Marion Carel, em sua tese de 1992, pois, se a teoria visa a uma descrição de ordem linguística (a língua descrita por ela mesma), os *topoi* são referências à realidade. Assim, foi abandonado o conceito de sentido que era defendido nessa fase e, é a partir desse momento teórico que Ducrot afirma estar a concepção de sentido embasada na polifonia. Conforme Freitas (2007, p. 111-112),

Anscombe e Ducrot consideram que a língua não informa sobre o mundo, mas que comporta indicações de caráter argumentativo, caráter que, além disso, constrói a função primeira e primária da língua, de modo que não somente as dinâmicas discursivas, mas também o léxico e a própria estrutura semântica profunda da língua comportam um valor argumentativo. E mais, Anscombe e Ducrot consideram que a significação é de natureza instrucional, um

modo de emprego, uma função que comporta parâmetros e variáveis a partir dos quais pode calcular-se o sentido dos enunciados. Deste modo, o enunciado não remete ao mundo, mas a outros discursos dos quais esse enunciado é a continuação ou que pode ser sua continuação.

Percebe-se que o foco da ADL é o produto da enunciação – o enunciado – e não o sujeito produtor do enunciado. Em relação a este último, Ducrot (1988) contesta sua unicidade e, a partir da *Teoria Polifônica da Enunciação*⁶ (1987, 1988), propõe que o autor de um enunciado apresenta diferentes sujeitos, chamados de *enunciadores*⁷ (são origens de pontos de vista). Além do sujeito empírico (SE), que não é estudado pela teoria e do locutor (L), que é o produtor responsável pelo enunciado. O locutor relaciona-se com os enunciadores e sobre eles se posiciona de três maneiras: *concorda*, *discorda* ou *assume*. A partir dessas respostas é que se pode fazer a descrição polifônica de um enunciado e, por conseguinte, a descrição dos sentidos evocados pelos enunciadores.

Uma vez compreendido por essa teoria que a descrição semântica do enunciado ocorre a partir da significação da frase e da descrição da enunciação, temos a noção ducrotiana de que o *sentido é polifônico*. A encenação dos personagens/enunciadores é, no sentido teatral, a representação dos diferentes pontos de vista no interior do discurso, permitindo que se tirem conclusões de uma asserção sem a responsabilidade ser atribuída por (L) diretamente, mas sim a outro enunciador. É a diversidade de pontos de vista que podem conter no enunciado que recebe a denominação de polifonia.

Entre os conceitos que são pertinentes para a análise proposta neste estudo, utilizamos, conforme Ducrot (1987, p. 164-169), a *frase*, como um objeto teórico, que tem *significação*; o *enunciado* pertencente ao domínio do observável – uma ocorrência particular da frase, a ele pertence o *sentido*, e a *enunciação* é “[...] o acontecimento constituído pelo aparecimento de um enunciado.” (DUCROT, 1987, p. 168). A significação dispõe de instruções, o que obriga o interlocutor a tomar certa postura, visando à compreensão daquilo que o sujeito falante comunica. Sendo assim, “o sentido é uma descrição da enunciação.” (DUCROT, 1987, p. 172), visto que um enunciado é argumentativo porque por meio dos seus enunciadores apresenta uma ou outra conclusão.

Com Marion Carel, também da École des Hautes Études em Sciences Sociales de Paris, a noção de argumentação foi ampliada, a partir de sua tese de doutoramento (1992), com a qual se desenvolveu uma das mais recentes fases, a *Teoria dos Blocos Semânticos* (TBS). Ela defendeu que a argumentação não é apenas normativa, mas também transgressiva, de modo que são

dois aspectos possíveis da relação entre A e B (CAREL; DUCROT, 2005), uma vez que na regra há a exceção. Da TBS (CAREL; DUCROT, 2005) utilizamos os conceitos de *encadeamento argumentativo* (EA), que é definido pela relação entre dois segmentos ligados pelos conectores *donc* (DC) e *pourtant* (PT) (normativos e transgressivos, respectivamente),⁸ um segmento assume o valor semântico de argumento e o outro de conclusão. Por exemplo, pode-se dizer tanto (2) quanto (3), dependendo da situação discursiva.

(2) Paulo foi prudente, portanto ele chegou ileso. (A DC B)

(3) Paulo foi prudente, no entanto ele não chegou ileso. (A PT neg-B)

Vale ressaltar que o sentido da entidade lexical ou do discurso é construído a partir da relação de interdependência semântica entre os segmentos, que forma um bloco de sentido indecomponível. Dito por Ducrot e Carel (2008, p. 7), “é somente no enunciado, como ocorrência particular da frase, que o locutor põe em cena enunciadores, assimila-os e toma posição em relação a eles.” Desse modo, ao identificarmos encadeamentos argumentativos nos enunciados selecionados, percebemos as possibilidades de compreensão da obra ora analisada. O sentido é oriundo do discurso, que são os encadeamentos argumentativos, ou seja, a “sequência de duas proposições (no sentido sintático do termo) ligadas por um conector” (DUCROT, 2002, p. 7), vale ressaltar que, é em busca do sentido presente no romance Dom Casmurro que serão aplicados esses conceitos ora apresentados.

As possibilidades de sentido de uma entidade *e* são entendidos como os aspectos que estão a ela associados; há duas possibilidades de construir a argumentação do léxico, consoante com Ducrot (2002, p. 8): “Um aspecto pode estar associado a uma entidade de modo interno ou externo.” Relacionado à entidade de modo *externo à direita* são encadeamentos que partem da entidade, abreviados por *eAE* (argumentação externa à direita da entidade). Ou de modo *externo à esquerda*, são encadeamentos que vão até a entidade, abreviado *AEe*.⁹ Para exemplificar ambas as argumentações – que são possibilidades de descrever o sentido argumentativo das palavras –, apresentamos o caso de *estudar*, cujo encadeamento de aspecto normativo pode ser *estudar DC ter sucesso*. Encadeamento plenamente possível e até natural na maioria das situações discursivas pelas quais passamos, mas, também é possível ocorrer o aspecto transgressivo, *estudar PT não ter sucesso*, ambos constituem a AE à direita da entidade lexical *estudar*. Podemos propor como AE à esquerda, o encadeamento *não viaja DC estuda e/ou viaja PT estuda*, visto que as AE comportam, também, como, possibilidade, o seu aspecto converso.

A semântica da língua permite, portanto, que haja relações normativas e transgressivas no discurso, por exemplo, uma vez que se pode assumir a argumentação externa à direita “ter pressa DC agir rapidamente”, e também se assume seu aspecto converso “ter pressa PT não agir rapidamente”, conforme a situação discursiva.

Ainda em busca da descrição do sentido de palavras plenas é desenvolvido o conceito de Argumentação Interna (AI) à entidade, que é relativa aos encadeamentos que parafraseiam essa entidade, para reformulá-la e da qual ela não faz parte, pelo exemplo de Ducrot (2002, p. 9), a AI de *prudente* é “perigo DC precaução”. Sabemos que uma pessoa que é prudente toma precauções e o aspecto converso não poderia estar associado, o que já diferencia a AI da AE, porque “perigo PT neg-precauções” seria a AI da entidade *imprudente*. Às palavras plenas podem ser atribuídas argumentações internas e externas, de modo que fazer uma análise argumentativa da palavra significa “associar-lhe argumentações que podem ser em *donc* ou em *pourtant*” (CAREL, 2009, p. 26), então, a significação de uma palavra tem a ela associadas argumentações externas e internas. Esse conceito é de grande relevância para nossas análises, uma vez que partimos da hipótese que o sentido argumentativo da obra é oriundo da significação da entidade lexical *olhos* presente em três enunciados retirados do romance.

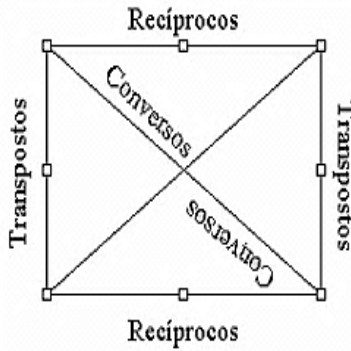
Desse modo, é possível descrever um grande número de expressões parafraseando-as mediante encadeamentos do tipo *A CON B*, no qual o conector pode ser em DC ou PT. É essa lexicalização das palavras da língua que permite a construção dos blocos semânticos e do quadrado argumentativo (que será explicado a seguir), defendendo o preceito da ADL/TBS que *a argumentação está na língua* (DUCROT, 1988, p. 18).

Com base na relação entre os segmentos *A DC C* podem ser construídos oito¹⁰ conjuntos de encadeamentos que são chamados de *aspectos argumentativos*, sendo agrupados em dois blocos semânticos, BS1 e BS2. Os blocos semânticos podem se organizar em quatro aspectos cada um, representados pela figura de um *quadrado argumentativo*, o qual tem relação com o quadrado aristotélico. Para clareza da noção do Quadrado Argumentativo da TBS, Ducrot e Carel (*idem*, p. 41) propõem convenções de escrita; é utilizado CON para designar os conectores normativos e transgressivos. Então, se CON designa um conector de tipo normativo (*donc/DC*), CON' designará um conector transgressivo (*pourtant/PT*); as letras **X** e **Y** (ou A e B) designarão o que precede e o que segue a **CON**, podendo conter eventualmente negações. Ou seja, **X** pode ser **A** e **Neg-A** e **Y** pode ser **B** e **Neg-B**. Observando

“o quadrado em ação”, no qual os quatro aspectos mencionados anteriormente de um BS1 (a – d) constituem um quadrado argumentativo doxal e um BS2(a’ – d’) sendo paradoxal, como se analisa na Figura 1:

Figura 1 – Quadrado Argumentativo Doxal e Paradoxal

(a) A DC B
(a') A DC Neg-B



(b) Neg-A DC Neg-B
(b') Neg-A DC B

(c) Neg-A PT B
(c') Neg-A PT Neg-B

(d) A PT Neg-B
(d') A PT B

Fonte: Carel e Ducrot (2005, p. 46).

No quadrado argumentativo se vê a interdependência semântica dentro dos encadeamentos ($S_1 \text{ CON } S_2$); a noção de transposição é uma das relações existentes entre os aspectos de um mesmo bloco. Há convenções de escrita que estabelecem relações discursivas entre os aspectos de um mesmo bloco podendo ser *recíprocos*, *conversos* e *transpostos*. Os recíprocos consistem em negar os termos que se encontram em um lado e do outro do conector, no sentido horizontal. Nos conversos muda-se o conector e o segundo termo é negado e nos transpostos nega-se o primeiro termo, muda-se o conector, mantêm-se o segundo termo. A relação que ocorre entre os aspectos opostos diagonalmente é a conversão, relação que caracteriza a negação. E a transposição é a relação que acontece entre os aspectos que se vinculam no sentido vertical, entre as esquinas (a) e (c) por um lado e (b) e (d) por outro. A possibilidade de assumir um ou outro aspecto do quadrado argumentativo é que se configura, associado à Teoria da Polifonia, como sendo o sentido polifônico do discurso.

Os diferentes pontos de vista que oferecem os encadeamentos ocorrem mediante o uso dos conectores e da negação, esta que é considerado um recurso linguístico-discursivo atualizador da polifonia dos enunciadores. Para Ducrot, a negação por si já é polifônica, porém o que deve ser diferenciado são os dois tipos desse recurso: a negação metalinguística: aquela que contradiz os próprios termos de um enunciado, ou seja, o seu pressuposto. Exemplo: *Paulo não deixou*

de fumar, ele nunca fumou. O E1 afirma que Paulo fuma e o E2 nega. E a negação polêmica: O E1 produz um enunciado afirmativo enquanto E2 contradiz tal enunciado. Exemplo: *Lucas não é alto; ao contrário, é bem baixo.*

A descrição semântica é feita para argumentar e não para informar, por isso, a ADL/TBS apresenta o valor argumentativo como nível fundamental da descrição semântica, a partir da relação entre os segmentos. A teoria busca uma referência interna ao enunciado, à língua. Entre as ideias matrizes da ADL, conforme Graef (2011, p. 215-216),

A significação terá a forma de uma instrução como: *procure a conclusão r para a qual o enunciado P é melhor argumento que o enunciado P*: [...] É ideia central da ADL que uma conclusão não se explica apenas a partir do fato expresso por um *segmento A*, mas por meio da forma linguística de *A*, o que significa que a argumentação está marcada na língua, inscrita na *frase* que é entendida como uma estrutura abstrata, cuja *significação* contém *instruções* para decodificar o *sentido* dos *enunciados* possíveis.

Resumindo, as duas ideias de base da TBS propostas por Carel (1997) são: a primeira que argumentar não é justificar e a segunda é que existem duas unidades semânticas básicas: *A donc* (DC) C e *A pourtant* (PT) neg-C, com uma mesma interdependência semântica que origina um bloco de sentido doxal ou paradoxal. Essa é uma teoria que continua sendo desenvolvida, todavia, delimitamos como recorte teórico desse artigo as obras publicadas por Ducrot e Carel até o ano de 2009, por prevalecer a TBS, fato que deixamos claro por sabermos da publicação de três artigos (2010, 2011) que propõe o desenvolvimento de outra fase na teoria.¹¹

Na seção seguinte, contemplamos em subtítulo próprio o escritor Machado de Assis e algumas considerações acerca de seu célebre romance, que virou ícone sobre a traição e o ciúme.

3 DOM CASMURRO E A COMPREENSÃO LEITORA

Nessa seção apresentamos considerações sobre a obra a ser analisada, conforme o crítico literário Roberto Schwarz (1997); Jouve (2002) e a perspectiva de leitura pela TBS proposta por Delanoy (2008), de modo que demonstraremos a validade da aplicação dos estudos de Ducrot e Carel para a compreensão leitora.

Publicada no ano de 1889 e pertencente ao período literário denominado Realismo, a obra *Dom Casmurro* é uma das obras mais marcantes do carioca Machado de Assis, além de estar à frente da época. A história ocorre no Rio de Janeiro, é um relato em primeira pessoa, feito por Bentinho, sobre

a desconfiança de ter sido traído por sua esposa; então, o ponto de vista que guia a narrativa é o dele. Em relação ao enredo; a mãe de Bento, o Bentinho, queria que ele fosse padre, por causa de uma antiga promessa que fizera. O garoto, porém, convivia como grande amigo da vizinha, companheira de brincadeiras, a bela Capitolina, – Capitu era como lhe chamavam os familiares e descobriu-se (ou Capitu mostrou-lhe) apaixonado por ela, de modo que não queria ser padre. Bento, a mãe, a prima Justina e José Dias (um agregado), moravam na casa em Matacavalos. Este último ajudara Bentinho a convencer a mãe de que ele não tinha vocação para padre e que deveria seguir as leis da advocacia, assim, ele foi ao seminário, mas não se tornou padre. O tempo que permaneceu realizando estudos no seminário conheceu aquele que se tornou seu melhor amigo, Escobar. Já graduado em Direito, Bentinho casou-se com a amiga de infância, Capitu, manteve um casamento feliz nos primeiros anos, mas desde já apresentava ciúmes dada a beleza da esposa. O casal tinha por amigos Escobar e Sancha, esta que convivia com Capitu desde a infância e casou-se com o antigo colega de seminário de Bentinho. Ambos os casais tiveram filhos, Escobar e Sancha uma menina, Bento e Capitolina, tempos depois, um menino. Parecia que a vida continuaria mansa e alegre, entre jantares com os amigos, passeios e brincadeiras, mas, Bentinho passou a demonstrar-se mais ciumento e mais fechado em si mesmo do que anteriormente era. Ocorreu que ele passou a desconfiar da mulher e do amigo, até que este último faleceu afogado no mar, apesar de bom nadador e, uma reviravolta na imagem de família feliz ocorre.

A psicanálise está como pano de fundo da obra, porque Bentinho é uma pessoa extremamente ciumenta, isso faz muitos críticos e pesquisadores defenderem esse ciúme como responsável por julgar Capitu como traidora, cujo filho Ezequiel teria sido gerado com o melhor amigo de Bentinho, o colega de seminário, Escobar. A alcunha *Casmurro* (calado, muito sério, fechado em si mesmo) torna-se mais evidente para Bentinho, advogado, depois de suspeitar da traição da esposa e de que Ezequiel não fosse seu filho. Possuído pelo ciúme e pela certeza da traição, exilara a família e mente para a sociedade (preocupação na época patriarcal) que a visita; posteriormente comenta rapidamente na obra a morte de Capitu, que tentou frustradas vezes escrever para o marido. Bentinho passou a estar sempre mal-humorado, o que lhe rendeu o apelido de Casmurro, findando toda sua vida na casmurrice e solidão.

Na obra, Machado não escreve em momento nenhum, declaradamente, que Capitu traiu, mas também não escreve que ela não traiu, deixando para o leitor o legado da decisão, da interpretação. Em vistas dessa

possibilidade é que defendemos ser a obra polifônica. É a partir dos fatos e da descrição das ações que o leitor formará uma opinião, para nós, a partir dos *olhos* da personagem Capitu. Conforme Schwarz (1997, p. 10), no artigo *A poesia envenenada de Dom Casmurro*:

[...] O livro solicita três leituras sucessivas: uma romancesca, onde acompanhamos a formação e decomposição de um amor; outra, de ânimo patriarcal e policial, à cata de prenúncios e evidências do adultério, dado como indubitável; e a terceira, efetuada a contracorrente, cujo suspeito e logo réu é o próprio Bento Santiago, na sua ânsia de convencer a si e ao leitor da culpa da mulher.

O modo de ler Dom Casmurro se bifurca nas possibilidades de interpretação que o enredo permite; o que torna a obra interessante e exótica. É um livro para se reler quantas vezes quiser, pois sempre terá o que dizer e a nova leitura parecerá única como a primeira, característica dos Clássicos Literários (CALVINO, 1995). A polêmica sobre a traição vigora até os dias de hoje, mesmo que a genialidade da obra esteja não em discutir apenas isso, mas na proposta de Machado em deixar abstruso. Várias hipóteses já foram levantadas e defendidas em diversas dissertações de mestrado e teses de doutorado, alegando que o personagem Bentinho (Dom Casmurro) por narrar em primeira pessoa é tendencioso e expõe apenas o seu ponto de vista, regado por um ciúme insano. Afinal, ele sente ciúme até do mar. A esposa acusada de traição não tem direito de defesa nem durante a narrativa, pois o marido (e narrador) recusa-se a ouvi-la, tampouco após a separação. O que Machado (2010) faz, durante toda a narrativa é colocar armadilhas para o leitor perder-se na dúvida, nada é à toa, toda escrita machadiana é premeditada e tem um porquê. Chama-nos a atenção algumas das passagens no início do romance, quando descreve a semelhança de Capitu com a mãe da amiga desta, quando a visita por conta da doença da menina Sancha. Semelhança que os leitores mesmos concluirão não passar de um acaso da vida, pois não há laços de parentesco entre elas. Depois de muitas páginas, quando o leitor se depara com a surpresa de Bentinho ao ver no filho Ezequiel semelhança física com Escobar, é induzido a lembrar da cena anterior, cuja semelhança não passa de um acaso e, põe-se em dúvida. Seria Ezequiel filho de Escobar apenas por serem parecidos fisicamente? Se a mãe de Sancha também o era quando nova com Capitu? Para obter possibilidades de compreensão, propomos para a leitura da obra machadiana, um viés linguístico-discursivo. Afinal, o que é compreender uma obra literária? Senão atribuir-lhe diferentes pontos de vista?

A obra literária, conforme Jouve (2002, p. 64) “[...] diz outra coisa que parece dizer: o destinatário deve decifrar sua linguagem simbólica. É preciso, para isso, que leve em consideração os processos de deslocamento metafóricos e metonímicos.” Sabemos que essa é uma obra repleta de figuras de linguagem, predominando a ironia e a metáfora, como por exemplo, “A vida é uma ópera” (ASSIS, 2010, p. 60) uma metáfora que associa o trágico de uma ópera com a própria existência e a catacrese. “Tal foi o segundo dente de ciúme que me mordeu.” (ASSIS, 2010, p. 159), de modo que esses recursos devem ser levados em consideração para a compreensão leitora do romance. Dito por Schwartz (1997, p. 17-18), cuja opinião é de que a personagem Capitu não traiu,

O marido-narrador evolui para um clima especialíssimo de poesia envenenada, entre patético, desgovernado e prepotente, propriamente reacionário, cuja fixação é um dos méritos notáveis do romance. [...] Agora o que chama a atenção do leitor são os paroxismos de ciúme a que Bento é dado desde sempre, anteriores à paternidade e ao casamento. Ainda adolescente ele queria rasgar a amiga com as unhas, julgá-la e talvez perdoá-la por crimes que ele inventava segundo a necessidade íntima.

Diante das evidências de ciúme do narrador percebemos a complexidade de se chegar a uma verdade do enredo e da necessidade de buscar recursos para a compreensão da obra, propomos que a compreensão leitora seja feita pela perspectiva da Semântica Argumentativa. Confirmamos essa possibilidade por meio dos estudos de Delanoy (2008), que define o conceito de leitura pela TBS, explica o sentido construído no discurso e defende que o leitor precisa posicionar-se diante do tema e, mediante a da argumentação presente no texto identificar as relações de sentido. Concorramos também com o dito por Delanoy (2008, p. 50),

O lugar ocupado pelo leitor na situação enunciativa é de fundamental importância para a leitura sob a perspectiva da TBS. Esse lugar é fixo: é do interlocutor. Nessa posição o interlocutor busca resgatar o sentido produzido pelo locutor por meio do discurso. Porém, sua tarefa não se resume a isso. Também busca explicações sobre o modo como o sentido foi produzido. [...] o leitor, pela visão da TBS não é um leitor ingênuo. Seu olhar é de um pesquisador que vê o discurso sob uma concepção, isto é, tem um olhar teórico subjacente à leitura.

Assim, partindo dessa afirmação, a função do leitor seria de identificar as argumentações presentes no enunciado que lhe auferem sentido, argumentações explicitadas linguisticamente, e posicionar-se diante delas. Tais possibilidades são entendidas por Ducrot como sendo as instruções

presentes na frase (realização abstrata), de modo que a estrutura linguística indica o quê se deve procurar, e como procurar quando se quer interpretar um enunciado (DUCROT, 2005, p. 11). Dito por Delanoy (2008, p. 80), “o resgate do sentido de um discurso, também deve ser restrito pelo linguístico, caso contrário, haveria tantas possibilidades de sentido quanto a criatividade do leitor.” É graças ao caráter instrucional da frase que uma expressão linguística pode ter mais de um sentido, mas não qualquer um, é conforme as instruções abertas e de caráter abstrato das frases que o locutor identifica o sentido. Os limites de compreensão a que se refere Delanoy (2008) são entendidos por Ducrot (1988) como sendo as instruções presentes na frase (realização abstrata), de modo que “É a estrutura linguística que indica o que deve se procurar no contexto, e como procurar quando se quer interpretar um enunciado.” (CAREL; DUCROT, 2005, p. 11). Assim, o enunciado é objeto de estudo da TBS; Delanoy (2008) defende que para identificar um conceito de leitura esse deve ser restrito ao produto da enunciação. Ainda conforme Delanoy (2008, p. 52),

[...] o leitor pela TBS deve manter-se na posição de interlocutor e acessar o sentido que é permitido pelo discurso, sem acréscimo de outros sentidos não autorizados. Caso contrário, estará no outro extremo da enunciação: será um novo locutor ao produzir um outro discurso, que pode ter sido construído a partir do anterior, mas já constitui uma nova enunciação. Desse modo, ele extrapolou a leitura pela perspectiva da TBS.

Ao considerarmos que as escolhas linguísticas determinam a força argumentativa dos discursos, a ADL/TBS constitui uma estratégia para leitura e produção textual. Nas análises constataremos que a utilização da Teoria da Argumentação na Língua combinada com a TBS auxilia no processo de compreensão leitora, e que o título metafórico apresenta estrutura argumentativa responsável por remeter ao sentido global do discurso. O conceito de compreensão leitora que defendemos neste estudo é voltado à necessidade de explicar linguisticamente como o leitor constrói o sentido do texto a partir do título e a orientação argumentativa que permeia o discurso. Nesse sentido, podemos destacar que para existir compreensão leitora é preciso perceber a interdependência existente entre os blocos semânticos constituintes do texto (em DC/PT).

Proposta essa perspectiva argumentativa, seguem os procedimentos de análise, que, após a seleção dos conceitos a serem utilizados, prevê o modo de aplicá-los.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos adotados caracterizam-se neste trabalho como descritivo-qualitativo, a análise ocorre em três enunciados da obra, como corpus de pesquisa, selecionados cujo critério é a menção aos olhos da personagem Capitu e de seu filho. A hipótese de pesquisa (H1) é que *os olhos conduzem o sentido argumentativo da obra Dom Casmurro*. A argumentação está nos olhos da personagem Capitu, logo, o sentido da obra é polifônico; pode assumir tanto o aspecto normativo A DC B quanto o transgressivo A PT neg-B. Lembramos que, neste estudo assumimos a perspectiva da ADL/TBS para o sentido, que é argumentativo, conforme Carel (2005, p. 83) “argumentar é formar blocos”.

Ao analisar a obra machadiana “Dom Casmurro”, sob a perspectiva linguístico-discursiva, para propor uma compreensão leitora de cunho estruturalista, que postula ser o sentido argumentativo, procedemos da seguinte maneira:

- a) Seleção de três enunciados da obra referida, cujo critério foi a ocorrência da palavra plena “olhos”/“olhou”;
- b) Identificação de três possibilidades de Argumentações Internas dos enunciados bem como dos Blocos Semânticos;
- c) Demonstração da polifonia a partir dos Quadrados Argumentativos QA oriundos de uma das AI de cada trecho analisado, como possibilidade de compreensão leitora.

Ao elegermos esses procedimentos metodológicos assumimos que a ADL/TBS tem potencial para essa pesquisa e para outras mais, no que se refere ao estudo da língua e da literatura. Na seção seguinte apresentamos as análises dos três enunciados referidos.

5 O SENTIDO ARGUMENTATIVO DOS OLHOS EM DOM CASMURRO: ANÁLISE PELA TEORIA DOS BLOCOS SEMÂNTICOS

A interpretação de uma obra literária não é tarefa fácil, uma vez que a língua é polifônica e os sentidos podem ser vários, por isso defendemos

que a compreensão leitora deve ser realizada pelo olhar da Semântica Argumentativa e, mais especificamente, da Teoria dos Blocos Semânticos.

Destacamos que a possibilidade de análise do sentido da obra Dom Casmurro partindo da menção aos *olhos* justifica-se uma vez que durante a obra toda Bentinho menciona várias vezes os olhos de Capitu, em diferentes cenas; destas fizemos o recorte de três trechos/enunciados, dois nos quais se faz referência aos olhos dela e um no qual se faz referência aos do filho de Capitu. Tais trechos têm relação entre si porque o primeiro menciona uma metáfora que determinará as opiniões de Bento sobre a esposa, “[...] olhos de cigana oblíqua e dissimulada.” (ASSIS, 2010, p. 85). O segundo enunciado ocorre quando Capitu olha para o amigo falecido, Escobar e, o terceiro enunciado retiramos do momento em que Bentinho nota que os olhos de Escobar são parecidos com os olhos do amigo falecido. Então, temos na sequência: “olhos de Capitu que são dissimulados, olhar triste para o amigo falecido e filho com olhos parecidos com os de Escobar”. A sequência desses enunciados pode gerar uma compreensão leitora que aponta tanto para a traição quanto para a fidelidade de Capitu.

Antes de seguir às análises, retomamos o conceito de AI é relativo aos encadeamentos que parafraseiam essa entidade e da qual ela não faz parte, pelo exemplo de Ducrot (2002, p. 9). Conforme os procedimentos seguem as descrições semânticas dos enunciados o primeiro, denominado (1), do qual são identificadas três argumentações internas presentes no predicado.

(1) Enunciado: “Capitu, apesar daqueles olhos que o Diabo lhe deu... Você já reparou nos olhos dela? São assim, de cigana oblíqua e dissimulada” (ASSIS, 2010, p. 85).

(1.1) AI do enunciado: Tem olhos de cigana oblíqua e dissimulada DC traiu.

(1.2) AI do enunciado: Olhos que o diabo lhe deu DC ser olhos maus.

(1.3) AI do enunciado: Ter olhos maus DC mentir/enganar.

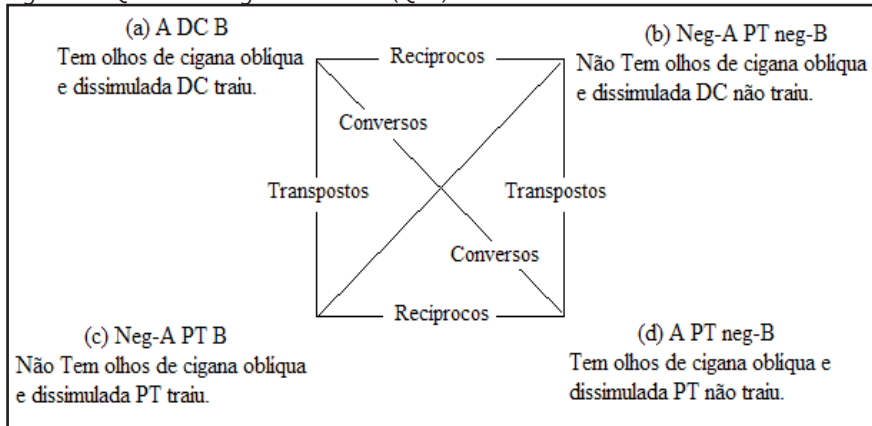
Esse trecho/enunciado é célebre na obra e, quando o personagem José Dias profere essa metáfora faz com que Bentinho seja induzido de tal maneira que, no decorrer da obra lembrar-se-á da afirmação outras vezes e acreditará que, tendo olhos com essa característica, Capitu seria capaz de trair-lhe. Desse modo, a AI do enunciado pode ser entendida como demonstra o encadeamento (1.1) *Tem olhos de cigana oblíqua e dissimulada DC traiu*, trata-se de um aspecto normativo que, em muitas leituras é assumido pelos leitores.

A argumentação do enunciado é definida como um encadeamento de dois segmentos ligados por um conector. Segundo Carel e Ducrot (2008, p.

6) “[...] as relações entre signos que estão na base de todo significado, e que são como os átomos da significação, são o que chamamos ‘encadeamentos argumentativos ou ainda ‘argumentações.’” Ao analisarmos a constituição discursiva do trecho, percebemos que as possibilidades de compreendê-lo, por intermédio de suas possíveis argumentações internas são constituídas de modo argumentativo, ou seja, a partir de conectores. Ao descrever semanticamente o enunciado, fica evidente a afirmação da TBS, para a qual “Dar o significado de uma expressão é associar-lhe diferentes argumentações que são evocadas por seu emprego.” (CAREL; DUCROT, 2008, p. 10).

Schwartz (1997, p. 9) faz um questionamento que leva muitos leitores a acreditarem na traição de Capitu: será que “[...] a namorada adorável dos quinze anos já não esconderia dentro dela a mulher infiel, que adiante o enganaria com o melhor amigo?” Esse é um ponto de vista cujo aspecto assumido seria o exposto em (1.1), (1.2) e (1.3), uma vez que são encadeamentos normativos, embora valha lembrar que, pela ótica da TBS, eles poderiam conter aspectos conversos, caso não fossem AIs. Pois é possível que se tenha olhos “de cigana oblíqua e dissimulada sem ter traído.” Essas possibilidades serão demonstradas pelo quadrado argumentativo (QA1) construído a partir do encadeamento (1.1) com seus aspectos conversos, recíprocos e transpostos.

Figura 2 – Quadrado Argumentativo 1 (QA1)



Fonte: os autores.

O Bloco Semântico 1 (BS1) relaciona *olhos de cigana oblíqua/trair*. Se o leitor não concordar que o feito dos olhos seja indício de traição apenas estará se movimentando para outro aspecto do bloco – são possibilidades linguísticas. Tomando essa analogia dita por José Dias como uma implicância dele ou até um exagero, pode-se assumir o encadeamento (b) *Não tem*

olhos de cigana oblíqua e dissimulada DC não traiu. Nesse caso o ponto de vista concorda com o fato de olhos com essa característica serem traidores, mas não concorda que Capitu os tenha. E, caso o leitor concorde que a metáfora dos olhos, pode muito bem não ser indício de traição, o que o encadeamento (d) demonstra *A PT neg-B, Tem olhos de cigana oblíqua e dissimulada PT não traiu.* Essas quatro possibilidades, nas esquinas do quadrado argumentativo, são as probabilidades de argumentação existentes na língua. Associada a TBS à Teoria da Polifonia pode-se dizer que os aspectos do quadrado são a manifestação da polifonia no enunciado como sendo diferentes pontos de vista. Lembrando que essa frase é dita pelo agregado da casa, José Dias; Bentinho não fizera antes tal analogia apenas concordara com ela, para depois assumir-lhe.

O leitor pode optar pelo encadeamento normativo (A DC B) à medida que pensa ser um argumento convincente da traição da personagem. Mas, se analisa o fato da obra ter sido narrada em primeira pessoa, por Bentinho, prevalecendo a sua visão, o leitor poderá adotar o aspecto converso, que afirma, mesmo tendo olhos de cigana oblíqua e dissimulada, a personagem não traiu. Esse leitor não toma como convincente a “regra” (A DC B), (a) *Tem olhos de cigana oblíqua e dissimulada DC traiu.* Podem-se assumir também os aspectos um dos aspectos abaixo:

- (b) Não Tem olhos de cigana oblíqua e dissimulada DC não traiu. (Neg-A DC B)
- (c) Não Tem olhos de cigana oblíqua e dissimulada PT traiu. (Neg-A PT B)
- (d) Tem olhos de cigana oblíqua e dissimulada PT não traiu. (A PT Neg-B)

O enunciado (2), próximo a ser analisado, menciona os olhos de Capitu no velório de Escobar, que fazem escorrer algumas lágrimas.

(2) “Capitu olhou alguns instantes para o cadáver, tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas.” (ASSIS, 2010, p. 220).

(2.1) AI do enunciado: Olhar fixa e apaixonadamente DC revelar traição.

(2.2) AI do enunciado: Olhar fixa e apaixonadamente DC amar.

(2.3) AI do enunciado: Estar apaixonada DC soltar lágrimas poucas e caladas.

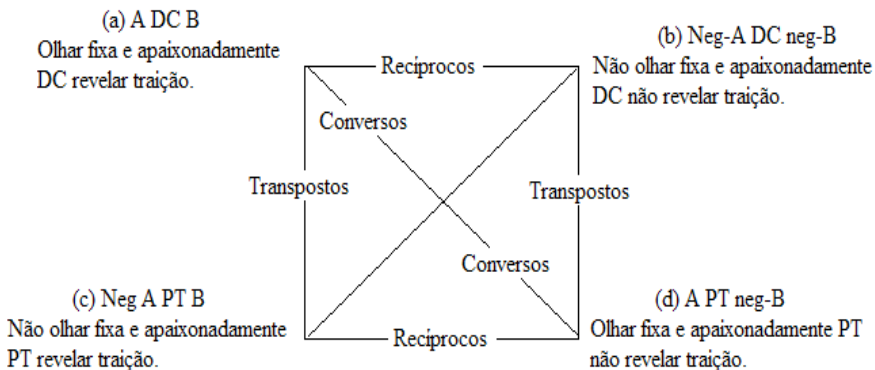
O personagem Bentinho fica extremamente enciumado ao ver a esposa deixar escorrer uma lágrima pelo amigo falecido, olhando-o, com o que constrói um bloco semântico que relaciona os segmentos *olhar fixamente/ revelar traição*. O fato de olhar o falecido fixamente seria a prova de que o

amava e havia traído o esposo. O narrador relembra do ciúme e deixa claro “habitual ataque de ciúmes”, Dito por Schwartz (1997, p. 14, grifo nosso):

Subitamente Bento para de chorar: nota lágrimas nos olhos de Capitu, que **olhava** o morto. O habitual ataque de ciúmes desta vez é tão forte que Bento não consegue ler as palavras de despedida que havia redigido para pronunciar no cemitério. As aparências enganam, e os presentes aplaudem a comoção do amigo, num exemplo de ilusão possível. Parecia amizade, mas não era, como as lágrimas de Capitu — aliás poucas — podiam parecer adúlteras sem o serem, como a semelhança entre Ezequiel e Escobar podia ser acaso.

A atitude do narrador mostra que o ciúme prevalece em vez do sofrimento em relação ao falecimento do amigo, embargando-lhe as palavras do panegírico. Ele conclui que não era amizade, mas sim um caso amoroso o que havia entre a esposa e o amigo. Ocupando-se do aspecto semântico da linguagem, os estudos de Ducrot e seus colaboradores buscam compreender quais as representações geradas por aquilo que falamos quando falamos; trata-se de compreender a língua pela própria língua, desse modo, a compreensão leitora precisa partir do linguístico. Assim, segue o quadrado (QA2), na Figura 3, do encadeamento (2.1) *Olhar fixa e apaixonadamente DC revelar traição*, no qual observamos a polifonia dada pelos conectores e a negação, que permite diferentes compreensões leitoras.

Figura 3 – Quadrado Argumentativo 2 (QA2)



Fonte: os autores.

As possibilidades de compreensão leitora estão expostas no quadrado argumentativo (Figura 3) e permitem perceber que o leitor pode assumir diferentes pontos de vista. Aqueles leitores que não acreditam na traição de Capitu assumem o aspecto (d) *Olhar fixa e apaixonadamente PT não revelar traição*. Esse leitor poderia argumentar que, se realmente Ca-

pitu tivesse traído, ela então disfarçaria, afinal, é dissimulada. Sendo dissimulada desde nova, como o narrador comenta, seria contraditório ela não disfarçar os sentimentos. Mas, caso amasse realmente a Escobar, poderia não se conter naquele triste momento, então o encadeamento (a) *Olhar fixa e apaixonadamente DC revelar traição*. Todavia, poderia ser uma má-impressão de Bentinho, uma espécie de paranoia dele, de modo que o aspecto (c) prevaleceria *Não olhar fixa e apaixonadamente DC não revelar traição*. Assim a TBS permite que se percebam as possibilidades de compreensão leitora nessa obra que é polifônica.

Ao considerarmos que as escolhas linguísticas determinam a força argumentativa dos discursos, a ADL/TBS constitui uma estratégia para a leitura e, conseqüentemente, para a compreensão de um romance como Dom Casmurro, no qual em cada leitura descobrimos novas pistas para a construção do sentido.

Para comprovar o movimento argumentativo dado pelos olhos, findamos com a última análise, pela qual os olhos de Ezequiel, filho de Capitu, fazem com que Bentinho conclua a traição e que não é o pai do menino. Uma vez que as AI são paráfrases, é possível identificar as três AIs do terceiro enunciado (3), último a ser analisado.

(3) "Aproximei-me de Ezequiel, achei que Capitu tinha razão, eram os olhos de Escobar." (ASSIS, 2010, p. 227).

(3.1) AI do enunciado: Ter os olhos parecidos com os de Escobar DC ser filho de Escobar.

(3.2) AI do enunciado: Capitu tem razão DC é verdade que os olhos são parecidos.

(3.3) AI do enunciado: Olhar Ezequiel de perto DC descobrir a verdade.

O narrador-personagem, praticamente convencido da traição da esposa, busca indícios e, ao olhar para o filho, julga-o parecido com o amigo Escobar, aliás, fora a própria Capitu que julgou semelhante os olhos de ambos. Para aqueles que têm por ponto de vista a traição da personagem, a semelhança é uma prova de que Capitu foi infiel e esteve com Escobar de modo íntimo. Assim, quando Bentinho observa de perto Ezequiel, descobre a verdade, que o garoto não é seu filho (encadeamento 3.3), isso porque os olhos o denunciam.

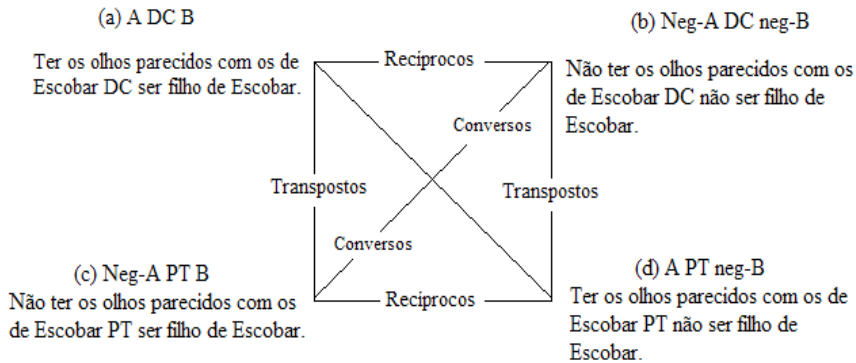
Mas, esse trecho também faz o leitor recapitular a semelhança física da mãe de Sancha (amiga) com Capitu, na metade do romance, seme-

lhança essa que não significa relação de filiação; tal leitor assumiria outro aspecto, trocando o conector, que pode ser: *Ter olhos parecidos com Escobar PT ser filho de Bentinho*. É proposital a maneira como Machado de Assis insere a cena na qual Bentinho é inquirido pelo pai de Sancha sobre a semelhança da esposa com Capitu, lê-se “Também achava que as feições eram semelhantes, a testa principalmente e os olhos. [...] Na vida há dessas semelhanças esquisitas.” (ASSIS, 2010, p. 170). O narrador (e o próprio Machado de Assis) deixa em suspenso se pode ou não Ezequiel ser filho de Escobar por causa da semelhança, cabe ao leitor assumir um ponto de vista.

A TBS permite demonstrar as possibilidades argumentativas inerentes ao discurso; neste estudo fazemos isso partindo das argumentações internas dos trechos selecionados, de modo que fique evidente que a língua é polifônica e o leitor pode, por meio de sua compreensão, assumir um ou outro ponto de vista. As análises tornam perceptível como a TBS é válida como proposta de compreensão leitora, porque ela permite que se percebam as diferentes possibilidades de leitura, já que o sentido é dependente da interpretação do leitor.

Para ilustrarmos o movimento argumentativo dado pelos conectores DC e PT, selecionamos uma das AI do terceiro trecho do romance; segue o quadrado (QA3) referente ao encadeamento (3.1) *Ter os olhos parecidos com os de Escobar DC ser filho de Escobar*.

Figura 4 – Quadrado Argumentativo 3 (QA3)



Fonte: os autores.

Conforme a escolha dos encadeamentos o leitor pode tomar um aspecto argumentativo diferente de (3.1) e confrontar se a personagem traiu ou não; a isso denominamos de valor da obra; muitos dos leitores de Dom Casmurro que na primeira leitura acreditam em uma traição de Capitu, noutras leituras, em maioria, já não acreditam que tenha traído. O

movimento argumentativo que o leitor pode fazer, entre os aspectos do quadrado argumentativo percorrem as possibilidades de (a) a (d). Assim, o leitor pode concordar que os olhos de ambos são parecidos, mas que isso não significa haver relação de paternidade, ou seja, assumiria o aspecto *Ter os olhos parecidos com o de Escobar PT não ser filho de Escobar*. A obra permite que se façam essas escolhas, uma vez que é polifônica, retomamos que a polifonia para a ADL/TBS consiste nas possibilidades discursivas dadas pelos conectores DC e PT (*donc e pourtant*).

Se Machado de Assis pudesse ter conhecido a Teoria da Argumentação na Língua sem dúvidas estaria fascinado e confirmaria as possibilidades de serem assumidas opiniões de diferentes encadeamentos presentes em sua obra-mestra (são as possibilidades polifônicas), por exemplo, *Narrar a obra DC prevalecer o seu ponto de vista*. Encadeamento esse que confirmaria o papel de traídos. A semelhança é trazida à tona no romance quando desse trecho (3) sofreu análises mais acuradas. O QA3 demonstra as possibilidades polifônicas de sentido do enunciado.

Finalizamos as análises, cumprindo o que foi estabelecido nos procedimentos metodológicos, ou seja, selecionamos três trechos com a ocorrência das palavras plenas olhos e olhou, identificamos delas as possibilidades argumentativas dadas pelas argumentações internas e construímos três quadros argumentativos correspondentes aos encadeamentos identificados nos trechos discursivos. Assim, foi possível demonstrar com que Dom Casmurro é uma obra polifônica, pois permite, mediante várias vozes/encadeamentos, diferentes compreensões leitoras. A seguir, as palavras finais deste estudo.

6 CONCLUSÃO

Nossa intenção com este artigo foi de analisar a obra Dom Casmurro a partir dos conceitos da Teoria da Argumentação na Língua, mais especificamente as fases da Teoria Polifônica da Argumentação e da Teoria dos Blocos Semânticos, por acreditar que a escrita machadiana, essencialmente argumentativa, não pode ser descrita por uma argumentação retórica, mas sim linguística. Pela análise semântico-linguística são encontradas as possibilidades de argumentação na própria língua, conforme postula Oswald Ducrot (1998), como preceito principal da teoria, que ele e seus colaboradores têm estudado e comprovado.

A obra Dom Casmurro é argumentativa porque a língua o é, além de ser polifônica à medida que se podem adotar diferentes aspectos do quadrado argumentativo, ou seja, diferentes pontos de vista a partir da identificação das Argumentações Internas (AI) dos enunciados selecionados pela

ocorrência da palavra olhos. É inegável que Dom Casmurro seja o maior mistério da literatura brasileira, mistério esse que nos moveu à elaboração dessa análise argumentativa para compreendê-lo melhor. Desse modo, a compreensão leitora pela perspectiva da ADL/TBS permite a cada leitor eleger um ponto de vista a defender, partindo do linguístico. Ao entender que o sentido é constituído pela situação pragmática e pela continuação discursiva, percebemos como uma semântica sintagmática teria por tarefa não descrever palavras, mas prever a significação dos enunciados. Ducrot (1987) afirma que a semântica linguística tem cunho estruturalista; não é fundamentada sobre as informações dos conteúdos comunicados, mas sobre as relações intersubjetivas ligadas à sua comunicação.

Para comprovação da hipótese dessa pesquisa, que consistiu em compreender na obra Dom Casmurro como *as palavras "olhos", "olhar", conduzem a argumentação nos trechos selecionados*, foram construídos três quadrados argumentativos com os seguintes encadeamentos, que são argumentações internas dos três enunciados analisados.

- (1) Tem olhos de cigana oblíqua e dissimulada DC traiu.
- (2) Olhar fixa e apaixonadamente DC revelar traição
- (3) Ter os olhos parecidos com os de Escobar DC ser filho de Escobar.

Pela análise polifônica da TBS podem ser assumidos tanto esses encadeamentos normativos, A DC B, quanto os seus aspectos recíprocos, conversos e transpostos, Neg-A DC neg-B; A PT neg-B e Neg-A PT B, do bloco doxal, o que comprova as diferentes possibilidades de leitura de um mesmo livro. Diante da análise dos enunciadores/diferentes pontos de vista, dos encadeamentos, dos blocos semânticos e do quadrado argumentativo que são oriundos dos trechos discursivos, percebemos a construção do sentido no romance a partir das marcas linguísticas presentes no enunciado,

Os três trechos analisados são significativos na condução do sentido global do discurso, ao que se poderá por fim afirmar que a obra é polifônica e aceita ser interpretada/compreendida mediante diferentes aspectos dos blocos semânticos. O movimento argumentativo dos enunciados com a presença dos *olhos/olhar* constrói o sentido dado pelos olhos de Capitu de maneira que comprovem tanto a traição quanto a fidelidade em Dom Casmurro, conforme o ponto de vista assumido pelo leitor.

Destacamos que, ao aplicarmos nesse *corpus* esta profícua teoria, a TBS, foi possível perceber que a abordagem teórica proposta tem se mostrado benéfica para o estudo da língua e do discurso, de maneira argu-

mentativa. Desse modo, entendemos que é necessário fazê-la chegar também ao ensino superior para auxiliar na melhoria contínua da qualidade da prática docente, tanto em relação à Produção Textual quanto à Literatura e à Língua Materna. Ressaltamos que a ADL/TBS não se limita apenas a essas áreas de estudo, mas pode ser aplicada como auxílio em outras áreas.

Sabemos da complexidade da Teoria da Argumentação na Língua e justificamos que a extensão deste artigo não permitiu maiores esclarecimentos, desse modo vem a ser uma proposta de pesquisa e estímulo para ser estudada no ensino superior. Este estudo não se entende por concluído, mas sim como parte das pesquisas realizadas por nós na área da Semântica Argumentativa. Defendemos, por fim, que a compreensão leitora pela ótica da ADL/TBS é, entre as teorias linguísticas existentes, uma das mais profícuas para se identificar o sentido global do discurso, que pode ser aplicada ao ensino da língua materna e para o desenvolvimento da leitura crítica.

The reading comprehension in Dom Casmurro: a polyphonic analysis by argumentative semantics

Abstract

This work is based in Oswald Ducrot (1983, 1987, 1988, 2005, 2008) and Marion Carel studies (2005, 2009), responsible for develop the Semantics Blocks Theory (SBT) as ersatz to Argumentation in Language Theory (ALT). The objective is to analyze the machadiana work "Dom Casmurro", beneath the linguistics-discursive perspective, to propose a reading comprehension of structuralist stamp, which postulate to be the argumentative meaning. This research is characterized as descriptive e bibliographic, by qualitative approach to develop the analysis. The research corpus is of three stretch of the work "Dom Casmurro", by Machado de Assis, that mention the eyes of the character Capitu and his son. The held analysis possible to show the mention to the character conduct us to a polyphonic work, in which are possible inferred and describe many meanings (many points of view) through argumentative threads (segments united by connectors donc or pourtant). From each stretch we identified the argumentative threads, presented in the enunciation and the possibilities of they be "showed" by the locator as points of view from enunciators. From the argumentative movement generated and constituted by the full word "eyes", we can inferred the character Capitu betrayed Bentinho, however, it is also possible argue in favor of this character fidelity, as the argumentative thread inferred by the reader though its reading comprehension. The three excerpts are significant in the conduction of the global meaning of the romance, that is by the end say the work is polyphonic and accepts to be interpreted/comprehended by different aspects of semantics blocks, as the concepts sustained by SBT/ALT.

Keywords: Semantics Blocks Theory. Argumentative meaning. Reading comprehension. Dom Casmurro.

Notas explicativas

¹ Teoria criada por Jean-Claude Anscombre e Oswald Ducrot. Entre as fases de seu desenvolvimento, mencionaremos aquelas necessárias para as análises deste estudo dada a complexidade de abarcar todas elas.

² Essa teoria tem por filiação os estudos de Ferdinand de Saussure e da Teoria da Enunciação, de Émile Benveniste, portanto, de natureza estruturalista.

³ A partir da tese de doutorado de Marion Carel (1992).

⁴ Cf. Ducrot (1988, p. 49).

⁵ Embora os *topoi* não façam mais parte dos estudos atuais da ADL/TBS, ele foi significativo e fez parte dessa fase *Standard Ampliada*.

⁶ Fase posterior a *Standard Ampliada*, que manteve a noção argumentativa da linguagem inserindo a polifonia ao invés dos *topoi* para a descrição do enunciado.

⁷ Dito por Ducrot “[...] chamo ‘enunciadores’ estes seres que são considerados como se expressando através de palavras precisas; se eles ‘falam’ é somente no sentido em que a enunciação é vista como expressando seu ponto de vista, sua posição, sua atitude, mas não no sentido material do termo, suas palavras. [...] Direi que o enunciador está para o locutor assim como a personagem está para o autor.” (DUCROT, 1987, p. 192).

⁸ Traduzidos do francês com *portanto* e *mesmo assim*, são prototípicos, podendo ser representados por outras conjunções.

⁹ Ducrot e Carel (2005, p. 63) explicam as AE à direita e à esquerda da entidade, como sendo aspectos:

“e CON X” e “X CON e”, respectivamente. Tradução nossa.

¹⁰ Os oito aspectos correspondem aos dois blocos de sentido propostos pela TBS, sendo um bloco doxal e outro paradoxal. Carel e Ducrot (2005) definem que o BS1 (chamado doxal) se configura com os seguintes aspectos: *A DC B; neg-A DC neg-B; neg-A PT B; A PT neg-B*. Já o BS2 chamado de paradoxal apresenta os aspectos *A DC neg-B; neg-A DC B; neg-A PT neg-B; A PT B*.

¹¹ Uma vez que se trata de uma teoria que continua sendo estudada pelos dois linguístas-semantistas Ducrot e Carel. Embora estejamos acompanhando as novas publicações, não tratamos dessa nova fase, denominada de TAP (Teoria da Argumentação Polifônica) porque os estudos e delimitações são ainda insuficientes e resumem-se em três artigos publicados no Brasil. Desse modo, essa referida fase em desenvolvimento poderá ser abordada em futuras publicações, já que as possibilidades de aplicação não se esgotam.

Recebido em 21 agosto de 2012
Aceito em 20 de outubro de 2012